

ALFARRÁBIOS LGBTQIA+

# ALFARRÁBIOS

## LGBTQIA+

VÁRIOS AUTORES

Niterói - RJ  
1 edição  
2021

Armazém de Quinquilharias e Utopias

## **SOMOS, por Jordão Pablo de Pão**

Entre os desafios da comunidade que querem minoritária - mas não é - está a afirmação dos campos de expressão, especialmente os artísticos. Para além dos estereótipos já celebrados entre as linguagens mais bem quistas pela mídia, nos últimos anos a noção de pertencimento ganhou nuances inéditas de consciência social. As artes não escapam de atentados do conservadorismo que hoje dá a tônica do nosso país. Nessa publicação, seres de arte com liberdade de expressão que apresentam quem somos e o que fazemos. Tudo é crítica. Tudo é Brasil. Tudo é verdade. Tudo é arte. Tudo é LGBTQIA+. Tudo é humano.

A publicação da primeira edição de "Alfarrábios LGBTQIA+" atende às necessidades de interlocução assumidas pelas vozes conscientes da nossa "comunidade". Ultrapassado o momento de dizer, nossa arte expressa a articulação possível entre nossas obras, nossas tessituras, nossas personalidades. O Armazém de Quinquilharias e Utopias, editora de Niterói (RJ), já abriu espaço em todas as suas edições da série de fanzines "Alfarrábios" para nossa produção. Nem todos os artistas o aproveitaram. Mas, quando lidas as quase vinte edições, vemos nossas vozes ecoando forte em algumas delas. Isso sem falar na sua série "América Latina e Caribe", cuja temática é alvo explícito de criação

## ALFARRÁBIOS LGBTQIA+

artística. Eis que chegamos a esse exemplar, um passo histórico em fanzine de distribuição gratuita, unindo o melhor aspecto da cultura da margem ao “suporte fanzine” - um prêmio, algo inequivocamente a ser celebrado.

Enquanto curador, não me devo furtar a agradecer aos artistas que acreditaram na minha convocatória e aqui expõem um panorama luxuoso, diverso, multifacetado, plurivocal de um tempo, de uma sociedade, de um país. Queria poder abraçá-los - à parte esta pandemia da COVID 19 - como a irmãs que a arte me trouxe - seria esse o sentido mais estreito de comunidade? Cuidamos para que as linguagens artísticas dissessem por si dos tantos talentos que podemos ter. Nada mais humano. Nada menos humano. Procurem-nos nas redes sociais para que esta publicação seja apenas um ponto de partida. Queria este fanzine exatamente como está: com nossa verdade, livre, sendo. Celebremos!

[jordaopablo@gmail.com]



27 anos, escritor, revisor e tradutor. Usa da literatura para incomodar sobre questões sociais e trazer a luz partes da comunidade LGBT+ além do esperado, ou apenas militante.



## Instrução

Para apagar é preciso:  
uma borracha  
e um lápis que não para nunca de escrever...

**Invisível****FELIPPE ALROSA**

Angela Davis, Malcom X,  
 Frei Betto e Marighella,  
 Ideais para um mundo melhor,  
 Machado, Ruth Guimarães,  
 Trevisan e Carolina de Jesus,  
 Escritas da realidade ao nosso redor.  
 Temos Pabllo Vittar e da Quebrada temos a Linn,  
 Racionais MCs e o Criolo também,  
 A Céu canta de um jeito azul, e o Jaloo você já  
 ouviu?  
 A Jup vem do bairro e a Verónica te convida a  
 morrer,  
 Você sabe o que é a tal Lei Rouanet?

Não, você não precisa saber o que eu sei  
 Mas o mundo não seria melhor se tudo não pare-  
 cesse em francês?  
 Não, você não precisa saber da Gasolina, da Mar-  
 garina, da Carolina.  
 Mas o mundo não seria melhor se as pessoas con-  
 seguissem te ver?



## Coração

A dor que eu sinto nem é a de um coração partido,  
a dor que eu sinto é a de um coração que foi silenciado.

O frio que eu sinto nem é desse inverno que estamos passando,  
o frio que eu sinto vem de meu coração que foi congelado,  
que antes fumegava.

Sinto que meu coração congelou meu tato,  
pois, ao te tocar sentia meu coração se aquecer,  
e agora nada

Sinto que meu coração congelou meu olfato,  
pois, em combustão entrava quando teu cheiro inalava,  
e agora nada

Sinto que meu coração congelou meu paladar,  
pois, era só teu gosto sentir pro meu peito explodir,  
e agora nada

Rosas são vermelhas?

Violeta é azul?

Nada mais faz sentido e me sinto tão blue.

Essa batalha, mas não a guerra, óh terríveis caretas.

## Pocs, Uma Noite

Palma, palma, palma,  
E aí, querida?  
Qual é o babado?  
Qual é o close?  
Quem é o boy?  
Quem é de novo?  
Pah! Pah! Pah!  
Mentira!  
Mas eu jurava que ela tava com ele!  
Então é verdade o babado que ela saiu carregada  
do rolê!  
Bicha do céu!  
Jamais, mulher, eu sou uma bicha que se preza,  
né.  
Estalo, estalo, estalo.  
Vamo, vai ser tudo.  
Vamo, é open.  
Vamo, vai ter gogoboy.  
Vamo, faz tempo que a gente não bate um peito.  
Vamo que eu quero ferveção.  
Tra, tra, tra.  
Ai que uó.  
Triste, miga, triste.  
A gente se preza a cada papel!  
Só dragão, aí por quê?  
E os gogoboy, uff, mais bonecas que a gente.  
A gente se preza a cada papel.

## Ícaro

Os dedos que dedilhavam o violão, os corpos agora solitários dedilham o colchão, o vão na escuridão. Agora sinto falta das horas em que dois se tornavam um, dois desviados por mil caralhos, que saudade dos seus lábios, que saudade da sua comida. E se soubesse como as coisas iriam suceder, I would have let it linger.

Longer

Nós somos feitos de poligamia e utopia, mas voltar aquele dia, à dor que meu coração conhecia, à solidão que durara oito meses. Agora, de novo, essa azia. Sem chá de liamba, sem respiro durante essa pandemia, dos momentos que tivemos me relembro em fotografia, dos sentimentos que aqui estão, te ver pela tela me alivia, todavia, preso em meu quarto, um dia feliz é minha maior utopia.



É carioca, poeta, professor, pesquisador, editor da revista Toró e autor de Prova das nove (Multifoco, 2014) e Promíscuo (Urutau, 2021). É mestre e doutorando em literatura brasileira (ufrj), pesquisa a poesia do início do século xx. Integrou a antologia tente entender o que tento dizer: poesia + hiv/aids (bazar do tempo,

2018) com organização de Ramon Nunes Mello. Publicou poemas em revistas eletrônicas como mallarmargens e ruído manifesto. Facebook: Fernando Impagliazzo. Instagram: @sorrateiramente

**FERNANDO IMPAGLIAZZO**

## **Drag Queen**

é preciso retirar toda  
a maquiagem do poema  
refazer metáforas gastas  
mostrar-me meu rosto  
descamado de peixe  
tirar essa pele de carnaval  
o glitter, as coroas, o óculos,  
curvar o pescoço e olhar  
o homem por trás desta barba  
sorrir à mulher que há em mim  
desamparada fria nua e forte  
sou um homem só, de um só amor

## **Histórico**

sangra todo mês  
o sangue é grosso  
quer sair inteiro  
em fluxo contínuo  
sem gozo sair pelas  
suas distintas pregas  
todo o dia chego em casa  
sento ajoelho clamo rezo  
noutras disfarço dou de ombros  
de quatro de frente de lado  
pra esse homem tomar gin  
bem calmo discreto disfarçado  
seus lábios em palmas abertas  
falam mais alto que eu  
todo o homem quer abafar  
o seu grito histérico

(Urutau, 2021)



## Assim na terra como no céu

incompreensível perdido  
surrado socado em algumas  
poucas roupas velhas  
cardigans homens casuais  
maços amassados no bolso  
que nunca mais eu fodo  
nunca fumei na minha vida  
seja feita a vossa vontade  
pai nosso que não está no céu  
hoje ele foi comprar cigarros  
esqueceu o pão  
amanhã ele volta

(Poema inédito)



**I**

diante do muro  
penso em desenvolver  
uma cartografia um mapa  
que encurtasse nossas distâncias  
traço paralelos a ligar o nada  
a coisa alguma

**II**

desdobro essa projeção cilíndrica no muro  
como um balão de festa estourado  
uma fita de Moebius que nos ligasse  
o futuro e o passado aqui agora

**III**

imagino a sua cidade colada à minha  
uma parte do látex tocando a outra  
na esperança de descer para cima  
subir para baixo te encontrar no infinito

#### IV

infinita é esse muro essa muralha,  
a minha altura, sua barriga  
essa latitude e longitude de homens  
reduzidos à escala maior nas estradas  
você me faz maior que eu pareço  
e, infinitamente, você parece maior

#### V

se me deitasse agora na superfície  
do muro, talvez meus braços estendidos  
conseguissem te alcançar  
pelo outro lado da fita  
mas minha mão não passa de Piraí  
esse muro não desdobra

#### VI

se eu me esticasse os pés pela Atlântica,  
estendesse o quadril sobre Queimados  
talvez meus dedos chegassem  
a Passa Três ou Pinheiral  
porém, nesse mapa altimétrico,  
a Baixada não me permite  
fazer o movimento necessário  
espreguiçar o meu corpo  
pra que teus braços  
eles também me alcancem  
pra trás, num abraço

**VII**

desisto e decido pegar a furadeira  
repito pra mim: em Berlim,  
tiraram um pedaço  
do céu ninguém mais vai ver essa muralha  
quero te beijar como o beijo  
da irmandade socialista  
no muro da East Side Galery

**VII**

começo a furar pontos  
botar abaixo o maciço da tijuca,  
o pico das agulhas negras  
a serra fluminense  
até uma luz branca de sol  
vazar pela parede e gotejar  
água nos teus olhos  
com o que eu vejo  
você por trás do furo do muro  
do tijolo do concreto

Com as falanges do pé  
na borda da piscina  
ele plana na água:  
é bailarina

não num salto n'água  
ou num golpe de ar

o corpo submerso assim  
no fundo de um tatame  
mas é um palco

conforme o lugar de onde  
o míope espectador vê  
pode ser um pé de lutador  
aposentadas falanges presas  
num grito um soco de ar seco

mas é um arabasque  
um chute delicado

e porque ele desistiu  
da aula de karatê:

hoje ele plana na água  
é bailarina





Hudson Pereira é poeta e professor. Formado em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, escreve e atua com literatura há mais de 10 anos. Foi finalista do Prêmio UFF de Literatura 2014. Em 2016, publicou seu livro de estréia: “Café Expresso e outros poemas” pela Dowsley Editora e Comunicação, de Niterói. Se apresentou em vários saraus no estado do Rio e foi publicado em diversas

antologias. Como Zineiro, publicou “Fragmentado” em 2014 e “Na boca do agora” em 2015, além de participar dos zines do grupo AMEOPOEMA. Organizou e publicou o zine de literatura queer “Literanoturna” em 2018 reunindo 10 autores de diversas partes do país.



## Campo Minado

Jockstrap vermelha, anéis de prata, argolas novas, camiseta preta, jeans surrado e all star branco. Me preparo para uma noite de intenções escancaradas. Meu olhar é direto e claro. O primeiro álbum do Massive Attack ecoa pela casa, o celular

toca e eu preciso sair antes das 23 horas. O copo de uísque deixa sua marca sobre a mesa enquanto me confiro por inteiro no espelho: sair à noite é um ritual sagrado. Último gole na janela enquanto acendo um Lucky Strike, sempre na esperança que algo muito inusitado me espere.

Sinto que os lugares na cidade estão cada vez mais previsíveis, mas secretamente anseio novidades. Um rapaz como eu não hesita diante das combinações mais improváveis. Quero deitar na calçada à luz da lua. Sinto a febre all over my body. Eu quero a febre.

Chego no local marcado, uma festa que promete reunir meus tipos preferidos: hordas de Brandons Lees, Rivers Phoenixes, Thiagos Pethits. Um desfile de jaquetas de couro estilo James Dean segurando long necks verdes, mas nunca, nunca um Keanu Reeves a olhar pra mim.

Encontro amigos, trocamos impressões e elogiamos roupas já conhecidas como parte do decoro. Flerte noturno é como um ballet bem ensaiado: tudo tem sua hora e um movimento não existe sem o outro, não bebo cerveja, não tem uísque mas tem vinho e por mim tudo bem.

- Vermelho é mesmo a cor mais quente? – ele diz.

- Oi? Não entendi? – respondo distraído

Então ele aponta para minha cintura, a fresta ínfima entre o jeans e a camiseta onde meus pelos se revelam e também a jocks.

- O filme diz que é o azul, mas o que conta mesmo é a temperatura do corpo – rebato.

- Acabou minha seda – ele pergunta olhando para meu bolso – tem aí?

- Tenho. Só preciso achar, onde a iluminação é melhor aqui?

O fumódromo é sempre o lugar mais claustrofóbico, não consigo, ficamos numa brecha entre a saída do depósito e o bar. Dou um trago enquanto seus olhos encaram meus lábios. É mais um Brandon, um River, um Thiago, com leve aroma de Tadzio e notas de avelã. Human Nature começa a tocar e eu sinto que já é hora de ir para casa.

- Tô indo, foi um prazer dividir um com você. - digo

- Espera essa música acabar e eu vou junto. - ele devolve

Previsível, mas aprazível. Um desfecho sexual à altura da noite.



## para M.R.

Chega uma hora no dia em que deixo de me preocupar.

Prefiro bordejar, sem me importar com as tonalidades a paisagem terá.

Tropeço. As esquinas me e se confundem:

Cantareira, Cinelândia, a rua do teatro, bar da frente, a entrada do shopping center.

Fico andando por aí, divagando, coisas desse tipo.

Lágrimas, conversas, ideias, antigos planos.

Às 18 horas não sei qual o rumo, nem se as decisões foram sábias ou se o risco compensa. Não sei.

Eu costumava estranhar o fato de gostar tanto de garotos imorais, estes que trazem as más intenções no bolso e nas mãos um livro de Vinicius de Moraes.



### **para o Asy**

Ele tocava aquele baixo com a mesma firmeza que tocava meu corpo. Subia no palco feito um astro com o gosto da minha boca nas mãos. As luzes dos spots o envolviam, como meus braços nas noites que dividíamos uma garrafa de vinho barato e um maço de hollywood - ainda que ele preferisse um Gudang - antes de encontrar seus amigos da banda pela rua e mudarmos de rota de repente. Enquanto ele ensaiava, eu escrevia. Quando ele se apresentava, eu pressentia que esse amor entre dois artistas era como o ensaio da estreia, como ansiedade de camarim: permanece a êxtase do espetáculo, mesmo depois do fim.

## Reflexo

Talvez seja só  
essa maneira de você  
me olhar,  
com olhos tão tristes  
tão tenros  
e existe uma coisa  
tão bonita  
nessa tristeza  
nessa maneira  
que você  
me olha  
com esses  
olhos tristes  
e eu me pergunto  
se eu sou tão triste  
que me reconheço  
nos olhos tristes  
desse cara que  
eu mal conheço.



Escritor, professor e pesquisador de memória literária. Autor de "Abre Caminhos" (2017); "O Mar do Meu Velho" (2018) e "Café Quente" (2019). Lançou "Na Senda do Ser", com Paulo de Carvalho. Já participou de diversas edições de "Alfarrábios"

e é curador dessa primeira edição do "Alfarrábios LGBTQIA+ Brasil". Membro da Academia Niteroiense de Letras. Curador de diversas exposições, mostras, séries de saraus e eventos literários. [jordaopablo@gmail.com](mailto:jordaopablo@gmail.com)



### **credo**

creio em uma ideia de deus, sem sexo, sem mancha, sem cordeiro  
por sua maculada condição de gente, evitou o despenhadeiro  
calou a boca de muitos - de alguns, com beijos ardentes  
tenho fé na prática da empatia e na reciprocidade emergente  
achego-me ao irmão convalido, de chagas abertas pelo outro  
a coletividade, tem vez que é desgraça, entrementes  
creio no silêncio dos justos e na ineficaz empáfia dos mitos

dezessete caem à minha esquerda - balas perdidas em operações policiais  
trinta e oito à minha direita - lâmpadas na Paulista em corpos delicados demais  
nascem flores coloridas nos sepulcros destes tantos  
são filhos da Mãe gentil, que nada conserva da nação dos escolhidos  
são filhos que não "escolhem ser", são a palavra que professam

creio no roto percurso do humano, por vezes inconsequente  
pobre senhor de pecados inerentes inexistentes, atente-se  
um altar que carrega a imagem do menino viado demais porque espelho  
arde o alarido do espírito sorrateiro do instinto em chama ardente  
o epitáfio de seu fim inequívoco não é punição, mas som, verve, paz  
tocam os anjos trajados de limpa consciência - e sem nenhuma veste



## reclame

as linhas congestionadas do terminal telefônico  
não mentem:  
o desconforto dos usuários com o homem que não  
tem mais xereca  
a arrogância do cliente que não quer o menino  
efeminado  
o faniquito da família tradicional que não pode ver  
duas moças se beijando

o medo de ser descoberto acende um alarido único,  
intransferível  
algo tão misterioso, pavão de cauda controlada,  
atada  
diz que defendem a moral, os bons costumes, a  
normalidade  
norma o quê? quem normatiza a maior parte? de  
que todo? arde?

não, não quero mais ouvir este horário de entre-  
meios, claquete  
é chegado novo tempo: enfim, ordenam os lixos  
sob tapetes  
querem controlar tudo e obter progresso - à guisa  
de testes  
revolvem, soturnos, a coragem do patrão genoci-  
da:  
"matem as galinhas para dar de comer aos meus  
papagaios"

é tempo de fome, miséria, dinheiro algum que  
compre a decência  
não falam do golpe, à galope, descambo geral  
dessa nave insolente

reforçam o massacre dos rotos com a boca escancarada cheia de dentes  
amordaçam os sentidos e as falas - lugares res-sentidos  
se vingam do espelho e espelham a miséria, narcísicas medeias



## átrio central

existem dois mundos,  
dois focos, dois meninos

tal qual o amor deRomeu e Julieta,  
não era do interesse dos pais essa união

uma casa de regalias, de educação militar,  
outra casa da vida, de rua sua mesmo a trilhar

quando se viram, absortos, pela primeira vez,  
dúvidas não havia do sentimento burilado com  
afinco

fazia sol, era meio-dia numa Lapa inflada por ma-nifestantes  
ele dormia lá, na esquina do Voador - e não é his-tória inventada

outro fitava cá, trazia suas pedras para o muro  
erguido entre bandeiras  
sabia que não receberia o apoio dos pais, mas não  
importava mais

tinha uma luta e sua pedra precisava compor a  
contenção  
cabia a si o impulso de transformação, para além  
do lar

precisava protagonizar uma cena deste grande  
ato  
mas não sabia que a vida mudaria para sempre

encontrou nos olhos daquele ser de rua  
abrigo, amor e confiança mútua

quando o amor chega, leva  
ali não era filho do rei



## Vestido

Era manhã. De domingo, provavelmente, porque eu não queria sair da cama. Se bem que eu nunca quero deixar meus lençóis. De tão cansada, me enrolei em um e saí. Sim, eu era a louca que, com quinze anos, fez curso de customização de tecidos a partir de nós. Estava linda, eu realmente acredito na minha beleza. Acho que a genuinidade deveria valer algo. Uns apontaram, “viadinho” foi o

que gritaram. Outros riram, bobo da corte que eu era. Outros esforçavam-se para ver melhor, esbugalhados olhos e parando o trânsito. Outros me fizeram de transtornado, “vai ver é filho de pais separados”, “faltou uma coça bem dada”. Eu nem me importei, continuava a andar em um mundo que fazia mais sentido pra mim do que pra eles. Nem vi quando entrou em casa aquele macho que me insultou com o seu enrustido preferido, sem a esposa a viajar. E aquela senhora que toma vários porres escondidos para que não a taxem de alcoólata. Nem aquele mocinho que se diz seguidor do político pastor, mas bate ponto toda semana nas saunas das cidades vizinhas. Eles estavam no aconchego do lar, escondendo o que não queriam que soubessem. Eu estava vivendo, expressando a delicadeza que é existir.



## ALFARRÁBIOS LGBTQIA+



Professor e pesquisador. Atua no Curso de Cinema e no Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.

É autor da novela Soy loca, Lorca, feito um chien no chão (Urutau, 2019). Em parceria com Adriano Salvi, publicou o livro de mininarativas Microcontando (Caiaponte Edições, 2019) por meio da lei de incentivo à cultura da Fundação Cultural de Balneário Camboriú. Instagram: @microliteratura.

**MARCIO MARKENDORF**

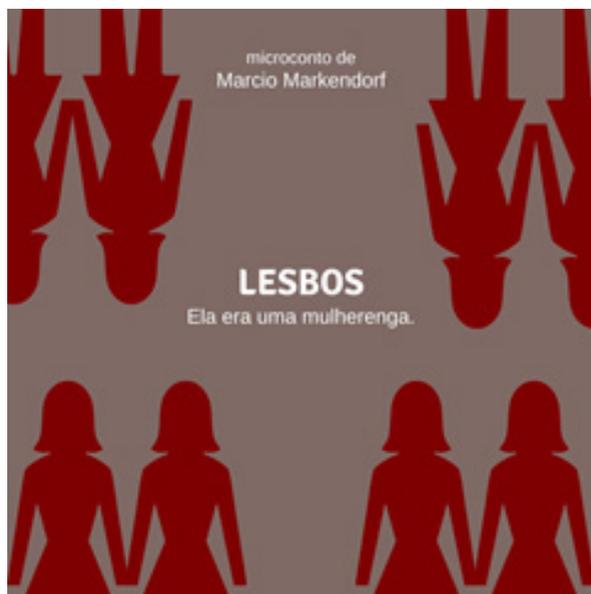


**ECOGRAFIA**

— É menino ou menina, doutor?  
— É uma criança.  
— Sim, eu sei, mas...  
— Então a madame agora quer decidir qual gênero ela será?

microconto de  
Marcio Markendorf





microconto de  
Marcio Markendorf

## HETERONORMATIVIDADE

Para todas as exceções tem esta regrinha chata.





## MASCULINIDADE

Explode com um fio terra.

microconto de  
Marcio Markendorf



## QUEER

— Você é um homem ou uma mulher?

— Sou queer, meu bem.

— Ufa. Estava com medo de que você fosse uma típica  
pessoa binária.

microconto de  
Marcio Markendorf



## INDIRETAS

- Não pego mulher que fuma.
- E homem você pega?
- Às vezes.

microconto de  
Marcio Markendorf

microconto de  
Marcio Markendorf

## IDEOLOGIA DE GÊNERO

É como viver em uma casa pré-moldada.



## ALFARRÁBIOS LGBTQIA+

**MARIANA SOUZA DE PÃO**



Tenho 21 anos e sou artista, bordadeira e acadêmica de Psicologia. Vim de uma família de bordadeiras e sempre estive próxima a essa arte. Mas foi só em 2020 que o que era apenas uma brincadeira na infância, retornou à

minha vida e se transformou no meu maior refúgio. É por meio do bordado livre que me expresso e me conecto mais com a vida. Criei o projeto @borda\_mar com a intenção de colorir a vida das pessoas com minha arte e tem sido uma experiência maravilhosa e transformadora!













Publicitária, jornalista e escritora. Curadora e resenhista do projeto *Bibliofilia Cotidiana*, atua também como oficinaira, leitora crítica e mentora literária no *Escritório Literário*. É autora de seis livros publicados, sendo os mais recentes *Santuário* (Macabéa Edições) e *Eu também nasci sem asas* (Telucazu).



## Feita de cor

Da dignidade que de mim foi partida ao meio, restou a luta. Não a lamentação das injustiças que nos reserva esse mundo padronizado, mas a certeza e segurança de que não me darei por vencida. Não na facilidade que eles esperam.

Eles, cinzas, a adornar espaços vazios com o eco de seus arrotos fedendo à carniça. Eles e suas canetas que jamais sentirão o gosto doce da poesia. Eles, todos tão iguais como se frutos da mesmíssima linha de montagem. Fabricados por máquinas que não foram programadas para reconhecer o riso de uma criança ou a beleza de um pôr do sol.

Eu, cor. Humanidade em sua forma plena, dona de um coração que perde o ritmo diante da dor, que

reconhece a umidade da lagrima sobre a pele do rosto cansado. Que sente o cheiro da flor, que arrepiava os pelos dos braços diante de uma demonstração de amor ou de uma música bela a encher-me os tímpanos de jardins.

Não restará de mim pétala sobre pétala se acaso a luta for longa, coisa que já nem me importa; o arco-íris é maior do que blocos de concreto. Ainda somos apenas compostos de ossos, carne, sangue e água, mas somos o que o dicionário costuma chamar de resistência.

O que resiste não entrega os pontos. Que esperem sentados, deitados, encolhidos em sua cama quente porque nós... nós somos pólen. Que tentem arrancar as flores e nós, jardins, seguiremos florescendo.

É disso que vive a natureza: sobreviver aos dias cinzas e colorir.

Somos cores e mais cores. Auroras boreais. Somos dias de sol. Vaga-lumes, borboletas, unicórnios. Somos a quebra de paradigmas que fedem à mofo, de correntes enferrujadas, tradições mantidas a grito.

Sou feita de cicatrizes, porque é da marca das guerras que vivem os heróis. Não apenas sobrevivo a elas, mas venci cada batalha que o cinza travou contra mim.

Temo o ódio porque sou feita de amor.

Sobrevivo aos cinzas porque sou feita de cor.



## Da liberdade

Um dia sonhei que era livre  
 Livre, de sorrir com minha imagem no espelho  
 Livre, de não temer olhares confusos  
 Ao dizer que meu corpo não foi feito  
 De receptáculo do desejo alheio  
 Um dia sonhei que era livre  
 Que podia recusar investidas  
 Manter-me limpa  
 Dos vestígios dos outros  
 Sonhei com a liberdade de me ter por completo  
 Ter-me  
 Da cabeça aos pés  
 Sem amarras ou medo de julgamento  
 Mesmo sabendo que virão os dedos e as babas  
 furiosas  
 O pecado de não ser igual  
 Não desejar volúpia  
 Valsas de corpos nus  
 Enquanto meu gosto  
 Está nas páginas dos livros  
 Que me causam orgasmos maiores  
 Do que indesejados toques  
 Sobre meu corpo feito para a solidão  
 Um dia sonhei que era livre  
 E assim me fiz





Escritora, poeta baiana, natural da cidade de Salvador – Bahia, pedagoga com especialização em Psicopedagogia Institucional, Clínica e Hospitalar. Integrante do Grupo Mel (Mulheres Entre as Linhas), Clube de Poetas da Bahia. Grupo de Pesquisa Contadora de Histórias da Bahia chamado Cacimba de Histórias. Participou da Antologia Poética Internacional da Editora Cogito e da Antologia Poética Mulher Poesia vol02, em 2017. Participação no Alfarrábios Edição XV, XVI, XVII e da Coletânea Reverdecer (2020). Autora do Fanzine Individual Entre Altos e Baixos em 2020 – Armazém de Quinquilharias e Utopias. Teve seus textos publicados também na Edição XVII Comemorativo de 4 anos Resistênciativismo 4 Anos (2021) – Editora Armazém de Quinquilharias e Utopias. Participação no projeto Ecoa Mulheres; a força do feminino através das palavras.

E-mail: [priscilasmoreira@yahoo.com.br](mailto:priscilasmoreira@yahoo.com.br).

[HTTPS://www.facebook.com/priscila.moreira.5283](https://www.facebook.com/priscila.moreira.5283).

[HTTPS://instagram.com/priscilas\\_moreira?igshid=1b-nem3ez6cecg](https://instagram.com/priscilas_moreira?igshid=1b-nem3ez6cecg). twitter: @pithy\_mana.



## Com licença o nosso amor

O meu amor te chama, te quero sempre mais, perto de mim e ao teu lado desejo ficar. Quero tudo que continue sempre assim bem, fluindo. Intenso como a profundidade de encarar e esse amor real em verdade, tão lindo, maravilhoso, bonito, amor com gosto de morada, abrigo. Não pensava em imaginava ser pega assim de surpresa, me interessar pela pessoa do mesmo sexo, está enamorada simplesmente apaixonada. Aceitar o que sou e o que desejo, me julgava, condenava negava o que queria, mas o amor venceu em mim, pediu licença e dei passagem ao amar tão intensamente e de verdade. Expresso assim o amor que me encontrou num momento que menos esperava, não contava, mas dessa forma ele me olhou, me fisgou como um ato tão nobre, lícito, sensível, delicado também belo em descrição tão natural, interbáltico. Assim é o meu amor por ti que se declara como um simples, puro e verdadeiro, disposto a contemplar em você, o que falta em mim. Sinto o prazer por ti, ter ao meu lado aliada, juntas unidas formando um só coração. Unidas como uma só, onde une todas as coisas por amor sem medida. Numa entusiasmante sensação, rica em sentimento, valor, carinho, afeto, encanto e amor. Desejo assim o nosso belo amor, maior do que eu, vivê-lo como nunca pensei, sonhei, imaginei. Sobretudo, como se fosse a própria vida, sobrevive e resiste a todos os obstáculos do dia a dia, ao enfrentar o preconceito e a discriminação por amar a pessoa do mesmo sexo. Vamos assim defendendo, caminhando, defendendo a ferro e fogo o nosso prazeroso, delicioso amor. Presente como um todo o nosso sentimento é caro

e raro, vale feito ouro, precioso. Fico tão feliz de assim ter a oportunidade, possibilidade de viver a nossa linda história de amor. Fortalecidas vamos seguindo com o nosso sentimento alimentado no cotidiano e com o tempo só cresce e amadurece. Sobretudo para termos dignidade e respeito para todas formas e das várias demonstrações de amar. Vamos lidamos com nós mesmos afetivamente, particularmente como já mais nunca pensamos amamos. Descobrimo dentro de nós e com a vida as respostas para o que sentimos que se explica no amor tão real e visto, descrito nas pequenas coisas implícito e explícito nas ações cotidianas, tão simples nunca vistas nem vividas. Vontade tão forte há dentro de mim de está cada mais contigo intimamente me encontro ,desejo, regado de carinho, afago, muito afeto, prazer satisfação feito morada você é para mim como abrigo. Assim nasceu nosso amor entre as formas de amar, intimamente veio pra ficar, somar. Por isso, queremos acima de tudo respeito independente de qualquer coisa, razão ou situação, merecemos assim ser tratadas, aceitas e acolhidas como todo ser individuo, sujeito nato. Não estamos cometendo nenhum erro, crime, equívoco ou pecado, presas ou nem muito menos estamos escondidas nas esquinas ou no armário, por exemplo. Coragem determinação vamos buscando ter e jamais queremos clandestinamente viver sem assumir, admitir o que somos e o sentimento que temos em amor, livre, liberto das amarras para amar particularmente, intimamente. Declaramos, experimentamos então assim baseado no que sentimos as nossas escolhas de amar sem limites e sem fronteiras geográficas uma a outra. Pois não há distancias para o amor, quando se apaixona e

se ama de verdade, não se mede esforços para viver esse sentimento. O mesmo entre nós assim vive, prevalece, firme e forte, rompendo barreiras, mas não nos entregamos o que ruim podemos passar, momentos difíceis, protegendo e cuidando do nosso amor, declaro que o nosso relacionamento confessamos que mais que bem querer vamos vivendo nos desejando, nessa longa estrada da vida, seguindo caminhando, nos amando, uma com a outra como se fosse uma, como é bom assim amar e alimentar os momentos ricos e fecundos em demonstrações de carinho e amor.



## Um novo olhar para a vida

Respeitar e sermos respeitadas se faz cada vez mais uma necessidade, realidade, independente e acima de tudo. É tão bom se descobrir eliminando dentro de si quem é você de verdade aprendendo a respeitar, seus desejos e vontades como todo ser humano tem. Assim sabemos que independente de quem nos relacionamos o mesmo sexo em amor falou mais alto em mim. Sinto que a cada dia que passa, vou me descobrindo, o que posso dizer quem é válido, além disso, necessário, ser determinado em suas escolhas de vida, cabe de nós então a responsabilidade por si mesmo pela pessoa que somos e com quem nos relacionamos em todos os sentidos da conjugação do verbo que lhe é permitido, dito. Agora é o período, via e processo, fase de reelaborar conceitos, desconstruir verda-

des que não são mais absolutas, ou seja, desfazendo crenças colocadas em nossas cabeças, essa é uma oportunidade que vamos dando a vida para deixar velhos, antigos conceitos de lado e se abrir ao novo. Livre de preconceitos, receios, medos, temores do que vão pensar da gente e dizer ou até mesmo fazer, é o que queremos, sonhamos, mas utopicamente isso ainda é um paradigma social, cultural e religioso me atrevo até de certa forma explicar que enfrentamos no que diz respeito da sociedade. A mesma ainda se encontra cercada, marcada de gente, pessoas falsos moralistas que condenam também discriminam os homossexuais que não são minorias e sim muitos em nosso meio que lutam por melhorias de vida em direitos e dignidade humana para se viver como qualquer outro indivíduo com seus direitos e deveres muitas vezes usurpados injustamente, como se fossem uma pessoa quem cometeu um erro ou um crime por está vivo. Que absurdo isso tudo, a nossa voz insistem em querer calar com violência, física ou psicológica, calúnia até com difamação da própria figura imagem pública, mas vamos sobrevivendo, lutando e resistindo as injustiças acometidas em sociedade. Apartir de uma sociedade machista estruturalmente e hipócrita em valores, aparências e rica em desigualdade. Pois tudo pode mudar e nessa vida tudo pode também acontecer, basta estarmos dispostos e querer fazer acontecer. Paramos nos encontramos e nos vemos dispostos a viver o que o amor está nos permitindo viver, não importando para opiniões alheias nem julgamentos dos outros que simplesmente se incomodam com a nossa vida, e quer mandar nas nossas vontades, escolhas em si. Se o homoafetivo é igual

a qualquer outra pessoa que paga a suas contas, impostos, suas compras, responde por seus gostos e suas vontades pagando o preço que for. Por isso merece respeito e tem o seu devido valor. Destaco então que se incomodam com a dos outros por não terem a coragem, determinação de viverem o que realmente são ou por inveja de verem os homo afetivos felizes e se permitindo se amar e amar de verdade o outro como ele realmente é independente do sexo o amor é permitido em suas variadas formas de amar.





Com 23 anos de carreira artística, natural do Rio de Janeiro (Brasil). Atriz, poeta, performance, professora de teatro (atualmente, ministra cursos online de leitura dramatizada e curso livre de teatro). Faz parte do Coletivo Minorias. Dirige duas companhias de teatro: a Entuarte e a Interarte. Assina a Direção Artística do Espaço Cultural Interarte. Autora do livro "A Flora que Aflora a Alma" (Autografia). Participou dos

fanzines "Epitaphio II", América Latina e Caribe Vol I, e "Alfarrábios" - edições XV ao XVIII (Armazém de Quinquilharias e Utopias). Participou da Antologia "Um Brinde à Poesia - 21 anos" (Dowslley), Antologia Reverdecer organizada por Pedro Garrido e Marrizia. Tem canal no YouTube de contos, poesia e teatro. Em seu instagram (@regginalves), realiza lives sobre a construção e a desconstrução dos artistas, aos sábados sempre às 18h30. Colunista do jornal Daki - coluna Cultura & Lazer, com foco na produção independente. Instagram: @regginalves @entuarte @minorias5 @collors\_magnifico



## Curiosidade

Olho pra você e sinto uma fome  
 Não essa fome de famigerado que se sacia num  
 desespero  
 Como num despertar necessário , mas momentâ-  
 neo  
 Não nesse sentido.  
 Olho pra você e sinto uma vontade descomunal de  
 poder tocar seu ombro e tirar o seu vestido bem  
 devagar...  
 Não para olhar seu corpo nu somente e devora-lo,  
 não ... É MUITO MAIS QUE ISSO!  
 Poder ter a possibilidade de aprecia-lo em cada  
 detalhe, cada marca, cada traço... como num  
 compasso de dança.  
 Olhar e poder sentir sua respiração e ser capaz de  
 perceber as batidas do coração enquanto recosto  
 meu rosto ali.  
 Poder chegar bem próxima de ti pé ante pé ...  
 Poder baixar enquanto te olho como numa devo-  
 ção enquanto toco meus dedos na base de suas  
 pernas. Quase que numa prece, como que implo-  
 rando passagem pra estar ali  
 Poder te olhar de baixo pra cima  
 E perceber que você me olha com seus olhos  
 curiosos  
 Olhos observadores e os meus !? VORAZES  
 Mas não um olhar de depravação, maldade, ou  
 um olhar de partida, com pressa que acabe e sim  
 de pertencimento...  
 Um olhar que diz: Me deixa ficar?  
 Morar em ti...

Minha mãos tocam cada detalhe vagorosamente dos seus pés ... cada dedinho... E você se contorce...

E sobe assim como os beijos que deixo largados em cada passada por suas pernas...

Sentindo cada ondulação de seus joelhos. E sua pele quente percebendo que em cada movimentação você se entrega sem pudor em uma denúncia evidencia os toques.

Você ficando mais úmida... entregue

Seria um aviso pra parar

Continuar, intensificar... Adentrar em ti?

Não um adentrar profano mas de ficar , não esse entrar e sair casual mas um sair sabendo que sempre poderá ficar...

Retornar, domar!

Fico num balé encantador que se enamora no seu corpo nu como numa tortura de uma ópera longa em cada movimentação descobrindo coisas que as roupas não deixam mostrar

Quase que uma devoção ao seu corpo nu

Numa tortura

Subindo, subindo sentindo seu cheiro, sua respiração entrecortada em cada subida e movimentos... na verdade descontrolada.

E seu hálito? Um pedinte de encontro com sua boca sedenta.

Meus braços travam em sua cintura e minhas mãos tocam em sua bunda.

E sinto uma pequena contração e um aperto do seu corpo em busca do meu em desespero

E ficamos ali como que em horas nos perdemos não sabemos onde isso tudo vai parar

Mas você já perdeu seu total controle e eu tinha?

Acho que não... Zero controle. Quando estamos  
 sós.  
 Não é nossa intenção saber onde isso vai parar  
 Não tem como controlar ... Olhos que se olham e  
 se admiram  
 A mente já perdeu todo o raciocínio e os olhares  
 se buscam num querer pertencer aquele momen-  
 to como num balé nunca antes apresentado  
 Não existe platéia pra tal espetáculo , um duo  
 Onde existe apenas o nosso querer como fincar  
 sementes em solos férteis  
 E as raízes fossem os sentimentos livres e permi-  
 tidos brotar  
 Toque após toque o dedo toca suavemente seus  
 lábios que respira e solta o ar que teima em ficar  
 preso enquanto os olhos buscam os meus evocan-  
 do uma aproximação como um abismo tentador  
 Os seus pedem esse contato... EXIGEM  
 Fico mais próxima até poder encostar em seu colo  
 e namorar cada detalhe. E os olhos?  
 Já se pertencem e se buscam enquanto as mãos  
 fazem um passeio como se tivesse numa pista de  
 gelo  
 Mas um gelo aquecido, procede? Será que isso é  
 possível?!  
 E o que importa nessas horas?.  
 No amor cabe tantas interpretações, possibilida-  
 des  
 Minha mão toca seu seio como numa novidade,  
 experimento, busca  
 E meus lábios sugam seu outro seio como posse.  
 DEMARCAÇÃO  
 Admiração, momentos só nosso, das amantes,  
 amando... amadas.  
 Que se permitem sentir esse explorar consentido

Permitindo viver fora de uma razão social, cultural..

Estrutural ... E o final dessa história? Não cabe platéia.

## Apenas

Apenas ame, apenas ame!

Ame apenas. Se for falar , fale apenas que AMA!

Se não couber amor, apenas se CALE!

## Um dia

Só espero um dia poder tocar sua mão em público sem ter que pensar nas represálias

Penso num momento em que o mundo não tenha que digerir e sim respeitar escolhas.

Fico em preces pedindo aos céus para que meu olhar não fique tenso em dizer algo simples que é te amo acompanhado por um beijo enquanto estamos num piquenique sem ficar pensando que isso vá causar mal estar a "tradicional família brasileira".

Creio que avançamos bastante , mais falta tanto e esse tanto está linkado com uma frase simples: RESPEITO DE ESCOLHA!

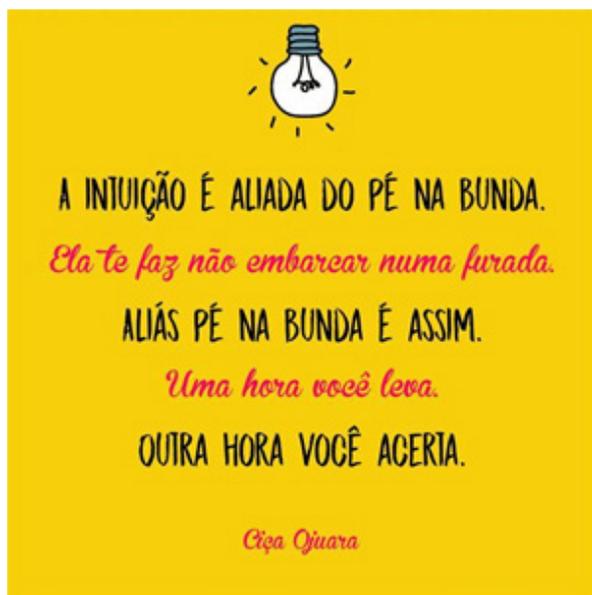
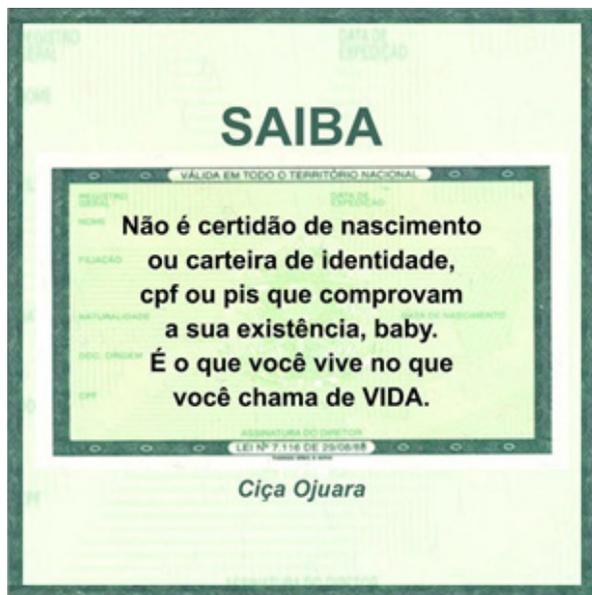




Casaram-se em 2016 e fizeram muitos projetos juntas, como o livro "Meus Amigos Super Fantásticos" e a estamperia "Ler é evitar que a alma enfarte", do pai de Cecília, Jorge Araujo de Souza. Tainá é jornalista e designer e Cecília é atriz

e escritora. Desde que se casaram o amor se funde à arte em projetos comuns. Tainá edita os vídeos de Cecília, faz as artes das lives que produz e com a pandemia começaram um novo projeto: Poemas com Arte. Palavras que desenham ou desenhos que escrevem? Ou os dois? Um grande amor rende mais que o amor em si. Afeto que vira arte, que vira poesia e se concretiza em @poemascomarte no Instagram.





# ROTINA

ALÉM DA RETINA  
DENDICASA  
ISOLAMENTO  
FLEXIBILIZAÇÃO  
MORTES AUMENTAM  
ESCOLHAS  
LI BER DA DE ?  
COM TANTAS DIREÇÕES  
O PAPO NÃO É RETO.



DÁ BOM DIA PRO SOLZINHO.  
FAZ CAFÉ, CANTANDO.  
TAPIOCA TODO DIA.  
CHORA UM POUQUINHO  
DE SAUDADE.  
PICOS DE ANSIEDADE.  
VAI PASSAR!  
QUANDO?



CIÇA OJUARA

**Repare**

Se o passado é uma pedra.  
O futuro escorrega.  
E o presente?

**Abre.**



Ciça Ojuara





35 anos. PCD à lá Nemo e Orgulhosamente LGBT. Artista que divide seu tempo entre ser vocalista, letrista e estudante de produção audiovisual. Como boa criança viada nascida nos anos 80, é muito influenciado pelo casamento de música pop + contra-cultura, surrealismo e poesia concreta.  
#FreedomFighter

### **Fora do meio**

(Leandro de Lima Vilela)

Fora do meio  
em uma orbita  
fora de contexto  
tentando caber  
numa caixa  
cheia de vácuo  
chamada  
homofobia internalizada  
Fora do meio  
longe da orbita  
onde individualidade  
é ouro  
flutuando sem rumo  
na escuridão  
Mente fechada  
apavorado  
de ver  
VIADAGEM  
vivida com  
LIBERDADE!

ALFARRÁBIOS LGBTQIA+

## Incendiei

(Leandro de Lima Vilela, 2020)

Incendiei  
Isso mesmo!  
pus fogo em tudo  
nem em seu drama pensei

Incendiei  
e foi assim:  
Pus fogo em tudo  
nem por 1 segundo repensei

Incendiei  
e que seja assim  
pra extinguir tudo  
que você causava em mim  
Incendiei  
e sabíamos que seria assim  
o fogo intenso que ardia em nós  
uma hora haveria de ter um fim

Incendiei  
e há de ser sempre assim  
que no fogo se consuma  
pra que do pó eu possa ressurgir.



## TRANSVIADO

(Leandro de Lima Vilela)

Desvio  
da linha reta  
que esboçaram  
pra mim

Sigo  
na contramão  
da frieza bruta  
do machão

Vasculho  
o baú de possibilidades  
proibidas pelo manual  
da heteronormatividade

Transito  
por suas vias,  
te abraço  
te mostro, te grito  
te celebro todos os dias.

Marchemos  
de mãos dadas.  
muitos julgam pecado.  
prazer, transviado!





Nasceu em Santa Rosa (Niterói, RJ) e trabalha com estratégia visual de merchandising para grandes marcas desde seus dezessete anos. A arte perpassa sua existência nos momentos de trabalho, de alegria e de tristeza - auxilia o processo de cura, dá-lhe sustento, expressa e cria desafios. Pesquisador de texturas,

cores e possibilidades de montagens artísticas com materiais diversos, escreve há um ano. Traz em seus poemas um tanto de vida e muito das emoções com que se relacionou nesta longa trajetória de humanidades. Tem nos Doces Bárbaros, na música negra estadunidense e na literatura que vem conhecendo suas principais referências como autor. Publica no fanzine "Alfarrábios", desse Armazém de Quinquilharias e Utopias, e lançou recentemente seu primeiro trabalho individual: "Rebento". Instagram @viniborges1966.



### Nino

tempo menino de bolas de gude  
momentos gravados na memória infância

sorriso menino de ingênua maldade  
implicantes gargalhadas zombando do tempo  
berço menino a correr pelo barro batido

sacudindo a poeira da alma, driblando o caminho  
que não foi o escolhido

pensamento menino, imaginação que pinta a tela  
menina em gestos só seus

"AFEMINADO!", gritam os outros meninos

sentimento menino do coração de outro menino,  
pulsar calado de quem realmente ama  
um amor por outro menino.

sofrimento menino de olhares reprimidos, já sabido  
o que era real, comparação guri

"Modos, menino!", frase que ouviu sempre, lágrimas  
correm

acordar menino e se sentir menino, mas amar  
outro... menino

dúvidas de menino? certezas de homem...

o querer menino não deixa de ser por querer  
menino:

o amor nasce menino no coração da gente que  
nem escolhe ser o ou não ser menino

ah, menino...



## Além do arco-íris

passar por debaixo do arco-íris:

os meninos que querem ser meninas viram  
meninas

as meninas que querem ser meninos viram meninos

- mito de época

eu queria achar o pote de ouro, mas nunca fui ao fim do arco-íris

- medo de virar menina

sandálias de salto encantavam aquele menino,  
bonecas da moda nas prateleiras da casa e das  
esquinas. nas avenidas e no guetos  
batom blushes e sombras que eram refletidas na-  
quele rosto e nos espelhos

imagens que se transformam, longo em mini

- fantasias de uma menina ancorada num corpo  
que sabia não era o seu

bolas de gude, bolas de futebol, o último lança-  
mento de uma chuteira que usou até acabar  
seios apontam o que não era normal querer se  
ver,

bandagens e pelos que cresciam, aperta o peito,  
cai as pálpebras, sorriso em temperatura tristeza  
fascínios e músculos, reflexo da barba que nem  
tem, masculina mulher macho, sim, senhor!

um garoto assim se sentia

o normal é ser, é ter, inevitavelmente se sentir,  
vestir, se despir, esculpir.

arte que fala, se mostra em que, se move e o  
imóvel sai do lugar comum

- depende de quê?

Não depende, de repente o preconceito passa por  
debaixo do arco-íris:

- uma explosão - de confetes coloridos

## Violência

desejo menino, filmes adultos em cenas impróprias  
ele protagoniza a história em segredo

pele arrepia, a infância corrompida, libido em nascimento  
cinismo que engana, carinha de bom

foge e se esconde, boca fechada pedida em troca de doces  
erro sabido no seu íntimo que

fascínio pelo proibido, instinto que chama  
nem sabe o que faz, mas sorri e se entrega

brincadeiras que tocam, carícias sem sentido  
cheiro do álcool, logo se assusta  
corre e grita, ninguém acredita  
apanha o menino: sua verdade é mentira (melhor assim)

cresce e sente prazer  
o reflexo no espelho é a violência, emudece a libido



## Transcendental

Imagens angelicais daquelas que no cais do porto ganhavam a vida. Os corpos, trabalhados em adereços e sentimentos, se faziam interessantes. A lua iluminou de graça, sombra do vai vem por cima. O grito, dinheiro no sutiã, cliente fidelizado com sucesso.

Unhas que apontam e, coloridas, com a cor escolhida da semana, determinam atitudes. Sentidos e carícias, costas que arranham em comunhão ao que se via no espelho, reflexo de pecados ditos pelos caretas, mostrei a língua. Dedo médio.

Imagens não mais angelicais, imagens surradas que contam ainda a história ali clicada em tempo real. A crueldade é milenar, tempos e pessoas melhores existem, os bens.

Identidade que mostra. Anjos que voam em céu colorido, tempos que chegam, censura velada em discursos tão vazios com vocabulário chulo, mito no grito que nem acredito ter ouvido. Fico aflito e continuo em meu caminho pro infinito.



## ALFARRÁBIOS LGBTQIA+



Cantora da Amazônia. Designer de Moda de Formação, pós graduada em Produção de Moda e Styling. E Artista Plástica. Retomei a carreira musical em 2020, com a ajuda da cantora e sambista Teresa Cristina. No

ano de 2020 conquistei o público nacional através de lives pelo Instagram. Trabalho com shows via plataformas digitais e atualmente estou em processo de composições autorais.

Instagram: @wendyladyoha.

**WENDY LADY OHA**





## Revolução e Paz

Eu nasci das entranhas do sofrimento do meu povo,  
 Da queda do preto no morro, que lhe restou da escravidão,  
 Do sangue pisado, nos olhos da violência contra mulher,  
 Eu nasci nos corpos de todes 175 que o Brasil assassinou, na busca por invisibilidade imposta por quem não recomenda a lugar algum de pertencimento.  
 Escorro na chuva e vou para as ruas, grito! Faço meu corpo político, levo 14 tiros traiçoeiros, e minha força mesmo assim, cresce, eu germino em cada semente plantada.  
 E quando todos os brados e punhos serrados se unem, eu me apaixono, eu amo, eu venço qualquer guerra, eu ovulo e gero A PAZ.



## Meus Curumins

Meus curumins, meus amores, meus filhos!  
Do ventre sagrado eles nasceram trazendo alegria  
a serena guerreira.  
Constroem a cada dia, os bordados de afeto,  
Nas escaladas dos açázeiros, alimentando-se do  
néctar e fortalecendo a alma.  
E se eu gritar? Curumins virão um a um, salvar o  
riso, a alma e os dias difíceis.



## Protetora das cunhatãs e Curumins

Nascida das águas do Tapajós, a Cunha, cria do Rio Arraiólos, nunca imaginaria, que Tupã a traria para missão ao Rio Negro.

Nos guetos, becos, ruas e em meio ao lixo, nasce o amor de Cunhã pelas cunhatãs e curumins, Alí faltava o principal, o que comer e a educação. Em um grande cordão de pequenos, das ruas para o puxadinho "da remédios", era banho tomado, comidinha fresca, primeiras leituras, e abraços de braços pequenos.

Hoje, tempos corridos, cunhatãs são Cunhãs, curumins são guerreiros, uns a educação salvou, outros? O Brasil conhece a realidade.

E Cunhã? Cunhã continua em missão, ela abraça os migrantes, senta com novas cunhatãs e curumins. A história continua até que Tupãna recolha sua, ao bom descanso.



## Meu filho

Preta, Pobre, Professora, Periférica,  
 Cada mulher desse rincão, dessa nação, da ma-  
 drugada,  
 Do parir sozinha, do quarto 3x3 de papelão ou  
 madeira.  
 A fortaleza sempre será, ela.  
 Sol a sol, no trem, no ônibus, na canoa, na janga-  
 da, na cozinha, no cuidar,  
 No silêncio que lhe garante o pão do amanhã.  
 No quadro da sala que motiva o pensamento, no  
 amamentar que salva a vida. Foi com tanto "no" e  
 "na" que ensinou o filho a falar, a pensar, a ser, o  
 filho. Meu filho!



## Mãe, a Mátria

Mátria da origem, de antes de tudo, e de todos  
 que te chamam de minha.  
 Mátria das harmonias, da brisa doce, do cheiro  
 do camu-camu, teus cabelos negros onde o boto  
 mergulha,  
 Teu leite é amarelo cor de barro, que mata a  
 sede, teus seios fartos saciam tribos e cidades  
 inteiras,  
 Nos teus olhos tem mistérios, que só tuas filhas  
 decifram, e teus filhos obedecem,  
 Teu ventre é um colosso, de onde nascemos, e  
 teu sagrado é "Oha", é orquídea, foi de ti que essa  
 filha nasceu, Mãe Mátria, Minha, Amazônia!



## Mil faces de Letícia

Eu sou eu, mesmo que você não me veja,  
 Horas escrevo,  
 Horas eu somo,  
 Horas sou mãe, acolhedora, dura, mas... sempre  
 amiga.

Eu sou eu, mesmo que você não compreenda,  
 Horas feminina,  
 Horas séria,  
 Horas cis, imporam-me normativa,  
 Horas sou pena de ganso voa sem voltar.

Eu sou eu, mesmo que não me queira em teu  
 seio.

Horas uma carmelita, mesmo alegre, ainda assim  
 oro,

Horas colorida, cheia de apetrechos,

Horas ela,

Horas elu,

Horas todas e todes

Horas faço feliz, até nas horas que preciso ser  
 feliz.



## A Aliança

Éramos jovens e opostos, Você a água, e eu as  
mãos abertas.

No dia que te olhei com o coração, minhas mãos  
foram concha,

E aqui você serena parou,

Represou na rasteira vegetação, e de ti, a vida se  
fez em verde.

E diante da grande mãe, nos recebemos como  
infinito, formamos uma aliança, eu a flora, você a  
fauna, nosso encontro,

O oxigênio pra alimentar outros encontros.



## ALFARRÁBIOS LGBTQIA+

Esse fanzine é dedicado a Laerte - nossa fibra,  
beleza viva, força propulsora.

Esse é dedicado a Rogéria - memória de elegância,  
fortaleza que nunca e sempre berra, pílula de amor.

Fanzine dedicado a Alexandre Ivo - descobridor  
dos sete mares, adolescente nosso, possibilidades  
abertas.

Esse é dos responsáveis que amam, que abraçam  
a diversidade, que não excluem.

Fanzine é do Armazém de Quinquilharias e Utopias,  
ouvidos e megafones abertos às necessidades  
que urgem aqui e agora.

Esse fanzine, cada um dos treze que aqui se apresentam,  
poderes bélicos que fazem amor com suas artes.

Fanzine, obra de cada leitor que permitiu ser em  
relação, em leitura, pela diversidade, pela beleza  
de ser.

A grandeza de uma divindade que não julga nem  
exclui, mas acolhe e dá amor.

A grandeza de um vácuo em cada violenta  
representação infundada - ao individual, o individual.

A todos os seres que sendo permitem aos outros  
serem.

Namastê.  
Melhores tempos virão.

Jordão Pablo de Pão  
(mas poderia ser qualquer um de nós)